

SÃO LUÍS 400 ANOS: breve levantamento do jornalismo impresso em São Luís do Maranhão

*Sílvio Rogério ROCHA DE CASTRO¹¹³
Esnel José FAGUNDES¹¹⁴*

RESUMO

Este artigo objetiva pontuar algumas reflexões a respeito do jornalismo impresso produzidas no Maranhão, destacando-se a capital, São Luís, onde se descreve os jornais diários aí sediados nas suas diferentes fases. Destaca-se o padrão editorial dos jornais, os discursos ideológicos e, por conseguinte, a construção de consensos que atenda aos interesses das elites dominantes. São veículos frequentemente utilizados como instrumento de publicização da opinião oficial.

Palavras-chave: jornal, imprensa, ideologia, poder e política.

ABSTRACT

It's article aims to score some reflections about produced printed journalism in Maranhão, especially the capital, São Luís, where he describes the daily newspapers there based on their different phases. The editorial standard of newspapers, the ideological discourse and therefore the consensus building that meets the interests of dominant elites. Vehicles are frequently used as an instrument of official opinion can be published.

Keywords: newspapers, press, ideology, power and politics.

¹¹³Professor do Curso de Comunicação Social – UFMA

¹¹⁴Professor do Curso de Comunicação Social – UFMA

1. Introdução

As forças socioculturais que modelaram a mídia no mundo variaram enormemente, de um país para outro, em função dos diferentes momentos históricos e evoluções sociais que os mesmos passavam. No Brasil Colônia, onde a administração colonial impede a tipografia e o jornalismo desde seu descobrimento até à chegada de D. João VI (1808), a produção cultural quase toda emerge da tradição oral e manuscrita, a partir da sátira poética, da carta, da panfletagem, da gazeta manuscrita, da canção, do repente - assumindo uma expressão política e social, em reação aos abusos e desmandos dos governadores, do clero, da burguesia latifundiária, dos comerciantes.

2. O início da imprensa na província do Maranhão

A arte gráfica é considerada clandestina, criminosa, sofrendo bloqueio da autoridade colonial que sufocava qualquer livre manifestação do pensamento, detendo à força as aspirações de liberdade e de justiça do povo, num bárbaro terror intelectual. Ainda assim, a sociedade desenvolve, pelos meios que dispõe, formas de difusão de ideias e de notícias, burlando o bloqueio cultural imposto por Portugal, como as sátiras panfletárias de Gregório de Matos e Tomás Antônio Gonzaga, ou a oratória de Pe. Antônio Vieira.

Dentro de um contexto político-econômico-social, a província do Maranhão manteve-se fiel à Corte portuguesa até mesmo quando todas as outras províncias já haviam aderido à Independência do Brasil (1822), apresentando-se como um local de costumes tradicionais e de gente pacata, onde o senhorio, a parentela e o compadrio circunscreviam a oligarquia local, estimulando a concentração de renda e o monopólio de terras e escravos. A Província dependia de Portugal não apenas pelos laços econômicos, mas pela tradição do ensino. "A Universidade de Coimbra era o centro e a atração, pela facilidade do idioma e para onde os filhos das famílias ricas e tradicionais eram mandados, para receber formação cultural" (JORGE, 2000, p.23), futuros condes, viscondes, barões, moços fidalgos e comendadores. Assim, mantinha-se fiel a Portugal, numa época em que se inicia a exaltação dos princípios liberais. São Luís colocava-se, como "a quarta entre as

idades brasileiras mais desenvolvidas" (HOLANDA, 1978, p.141), num processo urbano marcado por inovadora e intensa participação do poder público.

Com forte tendência político-literária, a imprensa aí se inicia com a instalação da primeira tipografia, em 31 de outubro de 1821, a pedido do então governador provisório Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, entusiasmado com o movimento que beneficiou a liberação da imprensa no país. Multiplicam-se as gráficas e a cidade começa a receber pedidos de serviços gráficos de todo o país. Frias (1978, p. 63) assegura que "além do Rio de Janeiro, nenhuma outra província se avanta a esta em trabalhos tipográficos, e só a de Pernambuco a iguala". A vanguarda da imprensa se acha no Rio de Janeiro, alcançando a Bahia, Pernambuco e Maranhão. É um jornalismo doutrinário e combativo, transpirando a escritura elegante, recordando a linhagem dos clássicos, ligado à realidade política-faccionária, representando interesses em entrechoque. "Os intelectuais ajustaram os arquétipos ideológicos à circunscrição cotidiana da política, como praticavam os agricultores, os pecuaristas e os comerciantes" (CORRÊA, 1993, p.128), passando a defender, basicamente, o segmento ao qual estavam vinculados, e a combater o segmento oponente, pela concorrência que representava no controle da máquina estatal. Ainda assim, no contexto nacional de efervescente luta política, a imprensa maranhense figurou com superioridade em relação à maioria do restante do país. Os grandes temas do momento eram debatidos no cenário público dos diversos veículos impressos, assim como eram seus 'ilustres' jornalistas conhecidos, em sua maioria, por contribuições às ciências e à arte literária.

A atividade jornalística inicia-se, de fato, no Maranhão, em 1821, com a publicação do periódico de número 35, O Conciliador do Maranhão, cuja circulação data de 10 de novembro de 1821, mas que circulou anteriormente, com trinta e quatro números manuscritos, a partir de 15 de abril de 1821, estendendo sua circulação até 4 de novembro do mesmo ano. Antônio Marques da Costa Soares (português, Oficial Maior da Secretaria de Governo) foi o primeiro jornalista em terras maranhenses a dirigir um jornal, auxiliado e, mais tarde substituído, pelo Pe. José Antônio Ferreira Tezinho, também português, que tinham como característica o uso de uma linguagem ousada e sem condescendência com os opositores. Era um jornal em folha de papel almaço, impresso em duas colunas, cuja linha

editorial era favorável à Constituição Portuguesa, defendendo com radicalismo o seu cumprimento e recomendando fidelidade às ordens emanadas de Portugal, exercendo a função de porta-voz, numa linguagem que não poupava duras críticas aos adversários. Para Jorge (1987, p.31), era um jornal em que "de um lado, desfilavam palavras violentas, com fins de ofender o adversário; por outro lado, o léxico era racional". Ao lado de expressões grosseiras vinham sempre palavras de impacto, como liberdade, pátria, sociedade, ordem e respeito.

Em 1923, *O Conciliador do Maranhão* deixa de circular, mas outros jornais, atrelando-se na mesma linha editorial, já existiam ou surgiram defendendo os interesses de Portugal. Por exemplo: *Folha Medicinal* (1822); *Brado Maranhense* (1822), *Palmatória Semanal* (1822), *Amigo do Homem* (1824), *O Argos da Lei* (1825), *O Censor* (1825), *O Farol Maranhense* (1827), *Minerva* (1827), *Bandurra* (1828), *Poraquê* (1829), *A Cigarra* (1829), *O Brasileiro* (1830), *Constitucional* (1830), *Publicador Oficial* (1834), *Echo do Norte* (1834), *Investigador Maranhense* (1836), *Chronica Maranhense* (1838), *Bemtivi* (1838), *A Revista* (1840), *O Legalista* (1840) e *Jornal Maranhense* (1841). São jornais com forte cunho político e doutrinário, discutindo questões polêmicas, que circulavam pelas principais Províncias, seguindo a linha dos famosos pasquins. De periodicidade incerta, eram comandados quase sempre por uma pessoa, abordando um assunto direcionado e específico.

3. João Lisboa, Odorico Mendes e Garcia de Abranches: ideias e políticas

Historicamente, o início da imprensa maranhense se dá numa das fases mais conturbadas da Província, época em que os portugueses que aí residiam, e tantos outros adeptos da Monarquia, recusavam-se a aderir a Independência do Brasil. O conflito de ideias e posições políticas gerou inimizades entre adeptos e não adeptos dos caprichos portugueses. Antes da independência do Império, a imprensa jornalística pouco mais era do que veículo de informação oficial. Proclamada a independência política do país, em 1822, houve a necessidade de reestruturação do aparelho do Estado, surgindo uma nova elite de eleitores e elegíveis, com a Constituição de 1824, bem como liberdade jornalística mais ampla. As perseguições contra os jornais que combatiam as administrações provinciais agora

se manifestavam disfarçadamente, com o suborno de tipografias e a deportação de jornalistas estrangeiros. Desta feita, em 1825 o ambiente era pouco favorável à implantação de um jornal que viesse assumir uma postura política sobre determinadas ideias. Nesse período, num ambiente nervoso, decorrente dos conflitos entre portugueses e brasileiros, é notável o aparecimento dos jornais *O Argos da Lei*, dirigido por Odorico Mendes, e *O Censor Maranhense*, dirigido por Antônio Garcia de Abranches.

Uma tradição na imprensa política maranhense, que se estenderá até meados do século XX, é o surgimento sequencial, num pequeno intervalo, de dois jornais: ao surgir um jornal do governo, logo surgia um jornal da oposição e vice-versa. Odorico Mendes, aos 26 anos, por meio do seu jornal *Argos da Lei*, assimilava as idéias importadas da Europa, discutindo o 'nacionalismo', declaradamente contrário àqueles favoráveis a recolonização brasileira. Era simpático a que os lusitanos arredios à adesão do Maranhão à Independência do Brasil perdessem seus cargos públicos e fossem deportados para suas terras, situação que repercutia com simpatia junto aos maranhenses, mas pessimamente diante dos portugueses e seus defensores. Para sobreviver, este periódico mantinha assinaturas (subscrição pública) e trazia pequenos trechos de anúncios. Logo teve um adversário, *O Censor Maranhense*, dirigido por João Antônio Garcia de Abranches, com forte vocação moralizante, acreditando na censura não só como forma capaz de reprimir manifestações de pensamento dos jornalistas, mas como um meio eficaz de controlar a corrupção de funcionários públicos e autoridades. "Refratário à crítica, reagia sem meias palavras e não escondia o desejo de ver os adversários deportados, como pena de falácia" (JORGE, 1987, p. 57). Também não aceitava que as autoridades fossem alvo de críticas, devendo estas ser respeitadas pelos cargos que exerciam.

Garcia pertencia ao partido Português e tinha formação cultural baseada nos clássicos e certos conceitos que contrariavam os direitos humanos, chegando a acusar os brasileiros de invejosos das riquezas portuguesas. Circulava com uma tiragem de 400 exemplares, chegando até a 800, dispensando qualquer tipo de ajuda, justificando a medida como forma de maior liberdade para expor suas ideias, evitando compromisso de qualquer ordem. Com tais recursos, os dois publicistas, apesar dos excessos das partes, souberam pintar com realidade o momento histórico em que viviam, "e isto lhes deu

credenciais de líderes, dos respectivos grupos, que os olhava com admiração e respeito" (JORGE, 2000, p. 40). São páginas de fé e muita convicção naquilo que os dois jornalistas acreditavam, "e por estas ideias e posições, sustentaram uma polêmica que atravessou o século como exemplo de um jornalismo vigoroso", complementa Jorge.

O jornalista maranhense João Francisco Lisboa viveu no tempo da efervescência política no Maranhão, com grande influência da imprensa (os jornalistas punham sua pena a serviço de partidos e facções, sendo o jornal uma arma indispensável na luta política), num momento de conflitos entre as oligarquias, ataques a portugueses e rebeliões populares. São Luís era uma acanhada capital da provincial, marcada pela forte influência portuguesa, resíduo do antigo Estado Maranhão e Grão-Pará, com mais da metade de sua população composta por escravos. Ainda que oriundo de importante família de fazendeiros, Lisboa não cursou medicina ou direito, caminho normal dos de sua classe, militando durante vários anos na facção liberal dos bem-te-vis.

Publica seu primeiro jornal *O Brasileiro* em 1831, periódico antiportuguês. Em 1834 edita o *Echo do Norte*, e em 1838 o *Chronica Maranhense*, seu jornal mais combativo. Dirige ainda, entre 1842 e 1845 o *Publicador Maranhense*, que viria a ser seu último jornal. Desencantado com a política, dedicou-se a estudar e escrever temas de história e folclore, além de advogar e diplomacia. Nos primeiros anos de sua carreira no jornal *Publicador* trabalhou seus artigos sobre a Procissão dos Ossos, a festa de Nossa Senhora dos Remédios, o teatro de São Luís. Sua obra principal, no entanto, com grande cunho político, foi o *Jornal de Timon*, que começou a ser publicado em 1852, em forma de folhetins mensais. Publicou o último volume, dedicado à história do Maranhão e biografias dos conterrâneos Odorico Mendes e padre Antônio Vieira, em 1858; quando residia em Lisboa.

Carvalho, J. (1995, p.17), relata que Lisboa "não esconde o profundo pessimismo quanto aos costumes políticos de sua província, sobretudo quanto às práticas partidárias e eleitorais". Várias passagens do seu *Jornal* não parecem ter sido escritas há mais de 140 anos, tão atuais se mostram: grandes gastos eleitorais, inclusive com dinheiro público; partidos personalistas, sem ideias e princípios; mudanças frequentes de partidos; campanhas baseadas em insultos pessoais visando a vida privada dos candidatos; fome de empregos públicos; troca de favores; corrupção generalizada; impunidade. A visão de

Timon sobre a natureza humana era decididamente pessimista. "O ser humano, sobretudo ser humano maranhense era para ele um hobbesiano, governado por paixões, pela cobiça, pela avidez, pela ambição, pelo ódio; pela presunção" (p.18).

Timon era o desencanto de Lisboa. Tanto que Carvalho, J. afirma que a escolha do pseudônimo certamente não se devia a qualquer tentativa de ocultar a identidade do autor, coisa quase impossível na pequena São Luís, mas antes, tratava-se de marcar uma postura diante da realidade da província, sobretudo da realidade política. *Timon* optou por colocar a ênfase no mal, absorvendo de certo modo os maranhenses, salientando que estes são piores do que todos os outros, já que o Maranhão nada apresentava de positivo, era puro mal. O liberalismo de João Francisco Lisboa naufraga no moralismo de *Timon*, ainda que "na lucidez do seu mau humor ele nos deixou importante contribuição ao conhecimento de nossas mazelas" (p.27). Conhecido pela irritabilidade e misantropia, Lisboa morreu em 1863, aos 51 anos de idade.

4. Os pasquins: retrato de uma época

Sobre os pasquins publicados no Maranhão da época, Jorge(1998) desenvolve um estudo de grande valia, o qual se vai parafrasear, para o melhor entendimento da fase jornalística percorrida. Eram jornais que tinham como finalidade desmoralizar o inimigo, sem nenhum respeito aos valores morais, motivados pela ambição, pelo poder e uma forte dose de ódio ou vingança contra o adversário ou inimigo, circulando com a proposta de defender certos grupos ou determinadas causas políticas. Seus editoriais eram alimentados pelo ódio dos maranhenses pelos portugueses e baianos que ali residiam, associados às brigas entre os partidos políticos e as lutas internas entre as famílias. O contra-ataque, em condições iguais e anonimamente, equilibra a força dos insultos e das ofensas pessoais. Aqueles que patrocinavam quase nunca assumiam a responsabilidade pelas edições. O anonimato se transformava em um código de honra, quem sabia não dizia e quem não sabia jogava com todos os trunfos para descobrir quem estava do outro lado. Ainda que existisse uma lei que determinava que em qualquer impresso devesse constar o endereço e o nome da tipografia,

recorria-se ao 'testa de ferro', um intermediário, e as tipografias não revelavam os acordos nem os nomes dos envolvidos na atividade, por uma questão 'ética'.

Seu limiar se dá nas décadas de 30 e 40 do século XIX, apresentando-se em tamanho de papel ofício ou dobrados ao meio, impressos em duas colunas, muitas vezes jogados debaixo das portas das residências na calada da noite, com conteúdo irônico, em forma de paródias, versos, quadrinhas, sátiras e chistes, num festival de insultos, injúrias, falsidades, calúnias, aleivosias, mentiras e desrespeitos, com apelos a cruzadas sanguinárias e à anarquia, revelações de segredos da vida privada, difamações e asquerosidades. Nessa onda de insinuações e acusações, muita gente importante acabou sendo envolvida, deixando dúvidas a respeito de sua participação nas páginas desses jornais. João Lisboa, Cândido Mendes e Sotero dos Reis foram acusados de escrevê-los. Até porque muitos desses pasquins eram bem escritos e em alguns textos, talvez por malícia, revelavam-se à experiência e cacoetes idiomáticos que apenas determinados jornalistas eram capazes. Em verdade, os pasquins foram o retrato de uma época, com suas contradições, seus costumes, suas tendências e comportamento em geral, quebrando a monotonia, pelo estilo e agressividade, não apenas dos jornais conservadores, mas da própria sociedade, que passou a vê-los como uma ameaça constante à privacidade - motivo pelo qual havia uma expectativa e curiosidade pelo próximo número.

Como exemplos, *O Cometa* (1835), *O Bem-ti-vi* (1838), *O Guajajara* (1840), *O Pica-Pau* (1842), *O Caboclo Maranhense* (1842), *Figa* (1843), *A Malagueta Maranhense* (1844), *Patusco* (1846), entre outros. Estes escritos em nada contribuíram para melhorar as relações sociais, culturais e políticas da província, pelo contrário, conseguiram baixar o nível do jornalismo, até então, considerado com um dos melhores do país.

5. Relato da vida política e cultural na imprensa

A maioria dos estudiosos situa o período compreendido entre 1821 e 1881 com a primeira fase da imprensa no Maranhão. Surgiram cerca de 156 periódicos, entre jornais e revistas, evidenciados pelo relato da vida política e cultural da Província. É uma época, cujo panorama cultural é favorecido pelo enriquecimento particular e refinamento social e

costumes europeus, em que homens doutores e bacharéis de Coimbra destacam-se também como poetas e prosadores. É o caso de Gonçalves Dias, purista da língua, etnógrafo e dramaturgo, o 'Cantor do Timbiras', que definiu as primeiras características do Romantismo na poética indígena; e Sousândrade (que não teve formação em Coimbra, mas em Sorbonne, onde estudou engenharia de minas e letras), o mais remoto precursor do modernismo atual, autor de *O Guesa*. Destacam-se, ainda, o já citado João Lisboa, historiador e publicista, discípulo de Sotero dos Reis que, como aquele, não possuía títulos universitários. Este período abrange o ciclo econômico do algodão, que vai de 1832 a 1868. "Com o Ciclo do Açúcar, sobrevém o ciclo literário de 1868 a 1894, quando os homens das letras passam a emigrar para o sul do país, fazendo-se literatos nacionais" (MEIRELES, 2001, p. 262). São, dentre os poetas, Adelino Fontoura, Teófilo Dias, Raimundo Corrêa, Teixeira de Sousa; dentre os prosadores, Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Artur Azevedo, Graça Aranha. Estabelecida à República, e com ela o desequilíbrio econômico consequente da abolição, inicia-se no Maranhão um ciclo de decadência, agravado por um severo processo de mudanças sociais e uma evidente instabilidade política regional. Vivendo das glórias do passado, a sociedade intelectual maranhense, lutando contra a descrença e a falta de estímulo, acaba por se congregar numa 'Academia Maranhense de Letras' (1908), fundando, depois, o 'Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão' (1926). É uma fase que, apesar de inferior aos ciclos anteriores, se caracteriza pelo "empenho sadio na luta pelo restabelecimento dos foros de grandeza intelectual da terra", conforme Meireles (2001, p.312). Fundam-se as primeiras escolas superiores, que foram a Faculdade de Direito (1918) e de Farmácia e Odontologia (1922).

Igualmente decadentes, os jornais da época não tiveram grande destaque nacional - os grandes jornalistas lá já não mais se encontravam, deslocando-se, em sua maioria, para o Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. Entre os jornais da época, citam-se *O Globo*, *O Norte*, *Folha do Povo*, *O Combate*, *Diário da Tarde*, *A Pacotilha*, *O Imparcial*, *A Tribuna*, *O Tempo*, *Jornal do Povo*, *Diário da Manhã*, *Correio do Nordeste* e *O Jornal Pequeno*, cujos editoriais tinham suas linhas traçadas em conformidade com a política de apaziguamento entre a tradicional e acatada família maranhense e as iniciativas governamentais. Desse modo, conforme Ferreira Júnior (1998, p.46), "as interpretações

publicadas pelos periódicos, especialmente quando inseridas na ordem político-econômica da região, têm a marca da posição adotada por estas facções". Há, entretanto, a necessidade de um estudo mais pormenorizado acerca destes jornais.

6. Assis Chateaubriand, a cadeia dos Diários Associados e O Imparcial.

Chama atenção a relação do Maranhão com Assis Chateaubriand, criador da Cadeia dos Diários Associados, que organizou um império de 31 jornais diários, 25 estações de rádio e nove estações de televisão, cobrindo dezessete Estados, além das revistas que editava. Em São Luís, no ano de 1944, ele possuía dois jornais: *Diário do Norte* e *O Globo*, que circulavam timidamente devido à falta de maquinário adequado para a sua impressão. Resolveu, então, comprar o jornal *O Imparcial*, fundado em maio de 1926, que não só tinha excelente aceitação no mercado, como gozava de ilibada reputação e um maquinário capaz de servir aos seus dois outros jornais. A partir daí, o cenário jornalístico maranhense passa por uma grande mudança, principalmente o jornal *O Imparcial*, o *Diário do Norte* e *O Globo* (que passou a se denominar *A Pacotilha*).

Em uma manobra encabeçada por Tancredo Neves e apoiada pelo senador Vitorino Freire, chefe incontestado da política local à época, atendendo aos desejos do dono dos Diários Associados, o PSD (Partido Social Democrático) demonstra força e elege Chateaubriand para uma vaga no Senado, em 1954, após o insucesso de sua tentativa de reeleger-se senador pela Paraíba, sua terra natal. Para tal feito, como parte da manobra política, foi necessário que tanto o senador Antônio Baima quanto seu suplente Newton Belo, eleitos em 1950 para um mandato que se estenderia até 1958, renunciassem e favorecessem o TSE a convocar novas eleições, o que de fato ocorreu.

Mas o Maranhão resiste à barganha política, com reações dentro do próprio PSD. Os deputados estaduais Raimundo Bogéa e Nunes Freire (que viria a ser governador nomeado do Estado no regime militar) e o suplente de deputado federal José Sarney (futuro governador e presidente da República) se opuseram, desligando-se do PSD e liderando um grupo que se filiou a UDN (União Democrática Nacional), formando um 'Comitê de Resistência', que logo receberia a adesão de todos os partidos opositores

locais, inclusive pelo PC (Partido Comunista), passando a ser conhecido como 'Oposições Coligadas'.

Chateaubriand só apareceu em São Luís no dia da eleição, nem campanha ele se dispusera a fazer, vencendo-as com 70% dos 200 mil votos maranhenses, tomando posse como representante do Maranhão no Senado no dia 4 de julho daquele de 1955. Em setembro de 1957 ele renuncia seu mandato e assume a Embaixada de Londres.

No jornal *O Imparcial*, após a entrada de Chateaubriand, passam a ser veiculadas matérias locais (antes, não havia notícias locais), e começam a predominar anúncios de produtos importados (antes, os anúncios se resumiam a remédios de farmácias nacionais) como comerciais de cervejas e cigarros; apareceram as colunas policiais e esportivas, e uma coluna na primeira página com um resumo do noticiário nacional. Foi implantada a ideia do 'calhau' (propaganda do jornal no próprio jornal, à época), e as matérias nacionais e internacionais começam a ser veiculadas com a marca da agência Meridional, pertencente aos Diários Associados.

No caso dos outros dois jornais de sua propriedade, Chateaubriand determinou que os mesmos assumissem uma linha mais sensacionalista, enquanto *O Imparcial* apresentaria um tom mais sério das notícias, ficando, assim, ao seu dispor, jornais para atender públicos diferenciados, circulando por toda a sociedade. Este jornal tinha um posicionamento governista, a próprio mando de seu dono, não sendo veiculadas matérias que desabonassem os políticos que se dispunham a ajudar a expansão da rede em terras locais, mas rigoroso na veiculação de assuntos que comprometessem a vida pública do 'inimigo', citando seus nomes e os 'negócios escusos' ao qual estariam envolvidos, com publicação de fotos e ilustrações que o ridicularizassem.

Chateaubriand conseguiu, desta forma, arranjar muitos amigos e poucos amigos no Maranhão; os primeiros mais por medo de terem sua vida aviltada no jornal de maior circulação do que propriamente pelo apreço por seu dono. A construção deste cenário interveio de forma decisiva no jornalismo contemporâneo maranhense. Outros jornais existentes em São Luís à época: *Jornal do Povo*, *Jornal do Dia* (que viria a ser *O Estado do Maranhão*, fundado por Bandeira Tribuzi e José Samey), *Diário da Manhã*, *O Governo*, *Jornal de Bolso* (fundado por José Samey), *Tribuna do Povo* (fundado por Maria Aragão), *Diário de*

São Luís, Jornal Pequeno e o *Diário Popular* (estes dois últimos, os que mais concorriam diretamente com os seus jornais de Chateaubriand).

A imprensa brasileira nestes anos exigiu adaptações que tomassem o jornal um veículo dinâmico, com a modernização das técnicas de impressão e do aspecto gráfico, onde os órgãos de imprensa abraçavam causas e campanhas. Já instaladas no Rio de Janeiro e em São Paulo (final da década de 40) os primeiros cursos de Jornalismo, chegam por aqui às técnicas do jornalismo americano, que gradativamente suplantaram a tradição francesa da imprensa brasileira, e o grande número de publicações dedicadas ao consumo em larga escala.

Este é um período em que uma série de fatos ocorridos no campo político nacional acabou por criar um clima de crescente inquietação que culminaria no golpe militar da chamada Revolução de 64, a mal disfarçada ditadura militar (1964 - 1985), que terminaria com a implantação de uma Nova República. No Maranhão, no campo da cultura, deu-se por constituída a 'Fundação Universidade do Maranhão' (1967), atual 'Universidade Federal do Maranhão', e é instalado o 'Conselho Estadual de Cultura' (1973), que no cumprimento de suas finalidades, criaria o 'Museu Histórico e Artístico do Maranhão', a 'Escola de Música do Maranhão', o 'Arquivo Público', e o 'Museu do Negro', entre outras instituições.

7. Conclusão

Os últimos anos do século XX são marcados pelo crescimento da organização de diversos setores da sociedade, trazendo a público fatos e opiniões em defesa do exercício da cidadania. O outro lado do mundo está ao alcance de todos, via satélites de comunicação, colaborando para que os meios de comunicação eletrônicos mobilizem um número incontável de pessoas ao mesmo tempo em diferentes partes do mundo, num tempo que atende ao ritmo acelerado de trabalho e à produção massiva. No Maranhão, os políticos e os grupos dominantes, com a permanência das relações de compadrio, dificultam o exercício das relações sociais, colaborando para o aumento da impunidade, da corrupção, e da violência, pela falta de políticas públicas voltadas para as reivindicações sociais legítimas. O jornalismo contemporâneo maranhense obedece ao padrão editorial do jornalismo diário observado no restante do país, com uma distribuição que atinge, sobretudo as cidades

doseu território, alcançando algumas cidades dos estados vizinhos, encontrando-se numa situação-padrão de concorrência que os obriga a produzir mensagens cada vez mais homogêneas para um público cada vez mais idêntico. Nos dias atuais a imprensa local conta com os seguintes jornais impressos diários, principalmente: *Jornal Pequeno, Atos e Fatos, O Debate, A Hora, Diário da Manhã, Folha do Maranhão, Litoral do Brasil, O Estado do Maranhão e O Imparcial.*

REFERÊNCIAS

- ADONIAS, Iza. *Maranhão 1908*. Rio de Janeiro: Spala, 1987.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUDELAIRE, Charles. *A modernidade de Baudelaire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- BUZAR, Benedito. *Politiqueiros, politicagem, politiquice, politicagem, política do Maranhão*. São Luís: Sioje, 1989.
- _____. *O vitorinismo: lutas políticas no Maranhão de 1945 a 1965*. São Luís: Lithograf, 1998.
- CALDEIRA, José de Ribamar C. Mudanças sociais no Maranhão. In: *Revista Ciência e Cultura*. São Paulo, 32 (6), jun. 1980.
- CARVALHO, Alba P. Estados e políticas sociais no Brasil contemporâneo. *Revista de políticas públicas*. São Luís: UFMA; 2002.
- CASTRO, Sílvio Rogério Rocha. *Evento cultural: o bumba-meu-boi de São Luís do Maranhão*. São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado). ECAIUSP.
- CORREA, Rossini. *Formação social do Maranhão...* São Luís: SIOGE, 1993.
- FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA, Juvenal. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.
- FARO, J. S. *Raízes culturais de nossa imprensa contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1948.
- FERREIRA JR., José Ribamar. *A arena da palavra: parlamentarismo em debate na imprensa maranhense (1961- 1963)*. São Paulo: Annablume, 1998. .Capas de jornal... São Paulo: Editora Senac, 2003.

- FRIAS, J. M. C. *Memória sobre a tipografia maranhense*. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 2001.
- GONÇALVES, Maria de Fátima. *A reinvenção do Maranhão dinástico*. São Luís: Edições UFMA, 2000.
- GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- JORGE, Sebastião. *Os primeiros passos da imprensa no Maranhão*. São Luís: PPPG/EDUFMA, 1897.
- _____. *A linguagem dos pasquins*. São Luís: Lithograf, 1998.
- _____. *Política movida à paixão: o jornalismo polêmico de Odorico Mendes*. São Luís: Departamento de Comunicação da UFMA, 2000.
- JORNAL DE TIMON: partidos e eleições no Maranhão/João Francisco Lisboa: introdução e notas. José Murilo de Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 1985.
- LIMA, Carlos. *História do Maranhão*. Brasília: Senado Federal-Centro Gráfico, 1989.
- LIMA, Maurício. O fantasma do Maranhão. *Veja*. São Paulo, n. 1740, p. 28-30, 27 fev. 2002.
- MARQUES, César A. *Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão*. São Luís: Tipog. do Frias, 1970.
- _____. *História da imprensa no Maranhão*. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, 1978.
- MARTINS, Ananias; LEITE, Deusdedit. Ocupação do território: 1641. *O Estado do Maranhão*. São Luís: 1997, s.p. Suplemento Especial.
- MATIAS, Moisés. *Os outros segredos do Maranhão*. São Luís: Ed. Estação Gráfica, 2002.
- MEIRELES, Mário. *História do Maranhão*. 3.ed. São Paulo: Siciliano, 2000.
- _____. *França Equinocial*. São Luís: SECMA, 1982.
- _____. *Holandeses no Maranhão*. São Luís: EDUFMA, 1991.
- MORAES, Jomar. *Guia de São Luís do Maranhão*. São Luís: Edições Legenda, 1987.
- ORBIGNY, Alcide. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1976.
- POLARY, José H. Um perfil da economia maranhense. In: *Revista Perfil do Maranhão* 79. São Luís, 1980. p. 47-61.
- REINALDO Jr. *Formação do espaço urbano de São Luís*. 2.ed. São Luís: Ed. do Autor!FUNC, 2001.

RIBEIRO, Francisco de Paula. *Memória dos sertões maranhenses*. São Paulo: Siciliano, 2002.

ROCHA, L. M. A identidade do denominado maranhense segundo a análise de Valverde e Andrade. In: ALMEIDA, A. W. B. De (org.). *Maranhão: produção intelectual e planos de governo*. São Luís, 1997. Dissertação (Mestrado). Políticas Públicas!UFMA.

SERRA, Joaquim. *Sessenta anos de jornalismo: a imprensa no Maranhão (1820- 1880)*. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

SILVA, Celeste Aranha. *Jornais maranhenses (1821 - 1979)*. São Luís: Fundação Cultural do Maranhão, 1981.

SODRÉ, Nelson Wemeck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Graal, 1977.

TRIBUZI, Bandeira. *Formação econômica do Maranhão: uma proposta de desenvolvimento*. São Luís: FIPES, 1981.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

VIEIRA FILHO, Domingos. *A linguagem popular do Maranhão*. São Luís: Tipog. do Teixeira, 1950.